



Patrimônio à prova de câmbio

Caminhos para reduzir o impacto da volatilidade cambial na sua vida financeira

Avenue



AV

O problema não é (e nunca foi) o preço do dólar

De tempos em tempos, escutamos alguém falar sobre a alta ou a queda do dólar e ficamos com a sensação de que a moeda americana é imprevisível, arriscada e volátil. Mas será que o problema é o dólar ou o real?

Em seu estudo “O impacto cambial no consumo dos brasileiros e a necessidade de diversificação internacional”, o Centro de Estudos em Finanças da Fundação Getulio Vargas (FGV EAESP) traz uma análise muito rica sobre a relação dólar – real e os efeitos dessa variação cambial na produção, distribuição e oferta de produtos e serviços no país.

E levando em conta o momento econômico do Brasil, esta publicação se faz extremamente oportuna, urgente e necessária não só pelo fato de a cotação do dólar recentemente ter atingido marcas inéditas na história do Plano Real, mas também por apontar caminhos e soluções possíveis para a manutenção do poder aquisitivo e a preservação de patrimônio do brasileiro.

Nas páginas a seguir apresentamos os principais destaques do ensaio, analisados pelo nosso time de especialistas aqui da Avenue, para o enriquecimento da sua jornada de investidor global.

Boa leitura!

Sumário

I. “Dólar nas alturas”. E você com isso?	5
II. Sim, nós comemos, bebemos e vestimos dólar	10
III. O dólar não é volátil. O real é	16
IV. Diversificação internacional: estratégia ou necessidade?	23
V. Investir no exterior pode ajudar o Brasil, além de você mesmo	28
VI. Evolução real, em dólar	34

AV

I.

“Dólar nas alturas”.
E você com isso?

Desde a criação do Plano Real, o preço do dólar já bateu vários recordes frente à moeda brasileira. Lembra quando a sua cotação chegou a R\$ 4,00? E depois quando ultrapassou as marcas de R\$ 5,00 e de R\$ 6,00?

E com essa recorrente “alta do dólar”, inúmeros setores sofrem diretamente com o aumento dos custos em suas operações. E sabe quem realmente arca com essa alta dos gastos de produção? Você mesmo, o consumidor final.



Segundo levantamento realizado pelo Centro de Estudos em Finanças da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP), **os brasileiros perdem de 16% a 18% do seu poder de compra com a desvalorização do real.**

Para medir esse efeito, os autores do estudo calcularam a influência do dólar sobre os itens da cesta de consumo e demais padrões de gastos dos consumidores brasileiros de diferentes perfis econômicos, conforme classificação adotada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), além de analisarem inúmeros relatórios produzidos ao longo dos últimos 18 anos pelo Banco Central do Brasil (BCB) e pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), dentre outras instituições acadêmicas e consultorias privadas.

Cesta de consumo é um conjunto de itens que representam os gastos pessoais de um determinado grupo de renda da população, contemplando despesas com serviços e produtos relacionados a alimentos e bebidas, artigos de residência, comunicação, despesas pessoais, educação, habitação, saúde, transporte e vestuário. Costuma ser bastante utilizada como referência para cálculos de indicadores econômicos pelo governo e agentes ligados ao mercado financeiro, como o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo).

Fonte: Banco Central do Brasil.

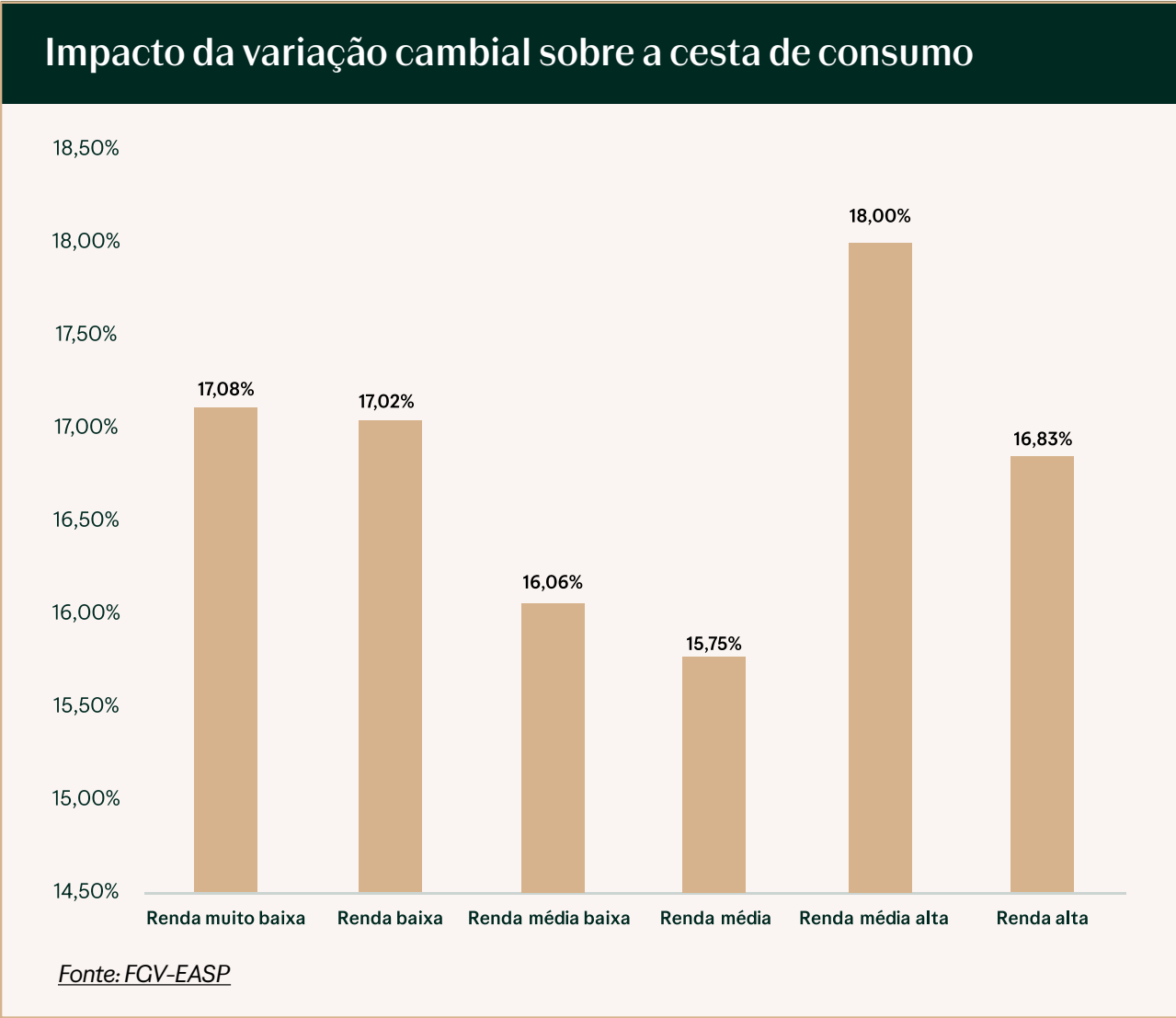
Classificação das faixas de renda domiciliar, segundo o IPEA:

Faixa de renda	Renda domiciliar (R\$ jan/2024)
Renda muito baixa	Menor que R\$ 2.105,99
Renda baixa	Entre R\$ 2.105,99 e R\$ 3.158,99
Renda média-baixa	Entre R\$ 3.158,99 e R\$ 5.264,98
Renda média	Entre R\$ 5.264,98 e R\$ 10.529,96
Renda média-alta	Entre 10.529,96 e R\$ 21.059,92
Renda alta	Maior que R\$ 21.059,92

Fonte: IPEA

Seu poder de compra cai até 18% quando o real desvaloriza ou quando o dólar sobe

Você está mais exposto à taxa de câmbio do que imagina, mas a forma como a variação do dólar é percebida no seu dia a dia varia de acordo com a sua faixa de renda. Em geral, a perda do poder de compra resultante do impacto do dólar sobre a cesta de consumo é de 16% a 18% entre os brasileiros de diferentes classes socioeconômicas.



Os grupos com renda familiar muito baixa e baixa, que são os que mais comprometem o orçamento doméstico com despesas de subsistência, perdem cerca de 17% do seu poder de compra com a desvalorização do real. Já os brasileiros de renda média baixa e média têm 16,06% e 15,75% de seu poder aquisitivo reduzido, respectivamente. Por fim, os grupos de renda média alta e alta absorvem 18% e 16,83% de perda, na devida ordem.

Mas é claro que o prejuízo na carteira é sentido de diversas formas com base no padrão de gastos de cada faixa.

“As classes altas têm um consumo muito mais diversificado do que as classes baixas, por isso o impacto inflacionário provocado pela volatilidade do câmbio é percebido de maneira mais diluída dentro dos itens da cesta de consumo”, contextualiza o professor William Eid Júnior. “Uma pessoa com renda de até R\$ 2 mil no Brasil consome quase todo o seu orçamento doméstico em alimento, transporte e moradia. Já as classes altas têm gastos maiores com educação privada, compras no exterior e outros hábitos de consumo mais caros, como artigos de luxo”.

Mas afinal, por que esses itens da cesta de consumo ficam mais caros no Brasil com a valorização do dólar americano?

Esse aumento de preço ocorre porque, mesmo que o produto final seja nacional, a participação de insumos, matérias-primas e demais componentes vindos de fora do país utilizados na cadeia produtiva brasileira é bastante expressiva.

Para maior entendimento sobre esse impacto da volatilidade da moeda nos setores produtivos nacionais, vale a pena falarmos sobre a balança comercial brasileira.

AV

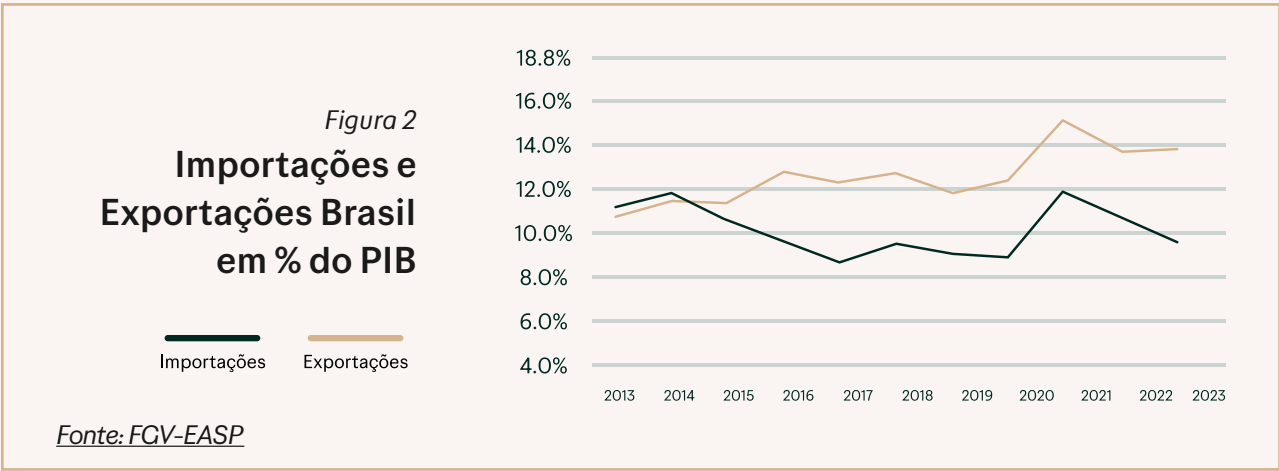
II.

Sim, nós comemos,
bebemos e vestimos dólar

Na década de 1990, o Brasil passou por um processo de reestruturação produtiva e de abertura comercial, integrando a sua cadeia de produção à de outros países, com a eliminação de barreiras tarifárias e outras medidas protecionistas herdadas da política de industrialização nacional por substituição de importações, implantada nas décadas anteriores.

Foi a partir dessa época que os nossos carros mudaram, que as nossas televisões deixaram de ser apenas aquelas produzidas na Zona Franca de Manaus (atual Polo Industrial de Manaus) e que novos objetos de consumo começaram a fazer parte do dia a dia do brasileiro, obrigando a indústria nacional a se modernizar e a melhorar os seus produtos para continuar relevante e competitiva.

Desde então, o Brasil tem apresentado um forte desempenho no comércio internacional. Ao analisar o período entre 2013 e 2023, o estudo da FGV realça o saldo positivo da nossa balança comercial e a sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) do país.



Em linhas gerais, os gráficos acima demonstram que as exportações brasileiras são maiores do que as importações (figura 1), sendo que as exportações e as importações representam 14% e 10% do PIB, respectivamente (figura 2).

No entanto, ao examinarmos os pormenores desse montante comercializado, notamos que cerca de 90% das importações brasileiras são destinadas à indústria de transformação nacional, enquanto as nossas matérias-primas exportadas, também chamadas de commodities, têm seus preços determinados no mercado internacional e são indexados geralmente em dólar, independentemente se negociadas com compradores internos ou externos. Desse modo, **“não há o chamado offset do efeito câmbio sobre o consumo dos brasileiros”, conforme explicam os autores do estudo.**



O conceito de **offset** refere-se a contrapartidas comerciais que têm por objetivo diminuir eventuais desigualdades entre as partes, como transferência de tecnologia e de know-how, assistência a outros mercados e compras na via inversa de produtos com alto valor agregado.

No caso do Brasil, as nossas exportações são majoritariamente matérias-primas brutas, com baixo valor agregado, de modo que não há uma compensação dentro da balança comercial para equilibrar o peso dos produtos manufaturados importados de maior valor, que encarecem ainda mais a indústria de transformação local.

Seu poder de compra cai entre 16% e 18% quando o real desvaloriza ou quando o dólar sobe

Embora o impacto do câmbio no custo de vida não seja percebido de imediato, ele afeta diretamente a inflação da cesta de consumo do brasileiro, provocando o aumento dos gastos operacionais em diversos segmentos, como:



Alimentos

Esta é uma indústria extremamente dependente de commodities e que conta com uma significativa parcela de importações ao longo de todo o seu processo de produção e distribuição, como o trigo, produto que o Brasil importa mais da metade de todo o seu consumo para a produção de pães e massas, ou o milho do bolo de fubá que, apesar de ser produzido no país, é fertilizado com adubos importados e transportado em caminhões que rodam a diesel para ser vendido em dólar no mercado internacional, além de tantos outros exemplos como o café, a soja e a carne do churrasco.



Eletrônicos

A maioria dos equipamentos e devices comercializados no Brasil é importada ou depende de componentes importados para a sua produção, como smartphones, televisores e computadores.



Medicamentos

Você sabia que o Brasil importa 95% dos insumos farmacêuticos necessários para a fabricação de medicamentos no país?



Moda

Apesar de contar com um polo têxtil significativo, muitos itens de vestuário e tecidos são importados, como o poliéster - presente na composição de tecidos mistos utilizados em muitas roupas atualmente.



Combustíveis

O país ainda é extremamente dependente da importação de derivados de derivados de petróleo, como a gasolina e o diesel, essencial para o transporte de cargas e o escoamento da produção no território nacional.



Veículos e autopeças

Embora o setor automotivo brasileiro seja expressivo, grande parte da nossa frota e autopeças é importada.

Com o advento do Plano Real e o fim da hiperinflação dos anos 1990s, os repasses dos aumentos nos custos de produção para o consumidor brasileiro deixaram de ser imediatos, “postergando a sensação dos efeitos dessa defasagem de preço entre quatro e até sete meses ou mais, dado que muitas vezes uma mudança na taxa de câmbio demora para ser refletida na cesta de consumo por conta do ciclo operacional e comercial de certas indústrias”, explica o **professor da FGV, William Eid Júnior**, um dos responsáveis pela elaboração do estudo.



“

O impacto cambial na inflação pode levar entre 4 e 7 meses para ser percebido ”

Professor Willian Eid Júnior
FGV

AV

III.

O dólar não é volátil.
O real é

Antes de seguirmos para as soluções para você contornar essa perda inflacionária do real e minimizar os danos à sua carteira, é preciso ter em mente que **não é o dólar que apresenta volatilidade, mas sim o real.**

Basicamente, a moeda de um país reflete o desempenho e a percepção de risco que o mercado tem em relação àquela economia. E o Brasil, considerado um mercado emergente, possui uma determinada classificação de risco atrelada a uma série de questões relacionadas, principalmente, à sua política econômica.



“

O veículo mais rápido de transmissão e percepção de um risco associado a um país é a sua moeda. Ao investir no Brasil, o risco associado a esse investimento está intrinsecamente ligado ao real ”

Daniel Haddad
Diretor de Investimentos
da Avenue

Criado em 1792, o dólar se tornou uma referência monetária internacional a partir do século XX, sendo atualmente considerado a moeda de reserva de valor com o maior fluxo transacional do mundo.

Enquanto isso, o Brasil teve nove moedas diferentes desde o seu período colonial. Implementado em 1994 como parte de um plano voltado à estabilização da economia nacional, o real perdeu mais de 80% do seu poder de compra ao longo das últimas três décadas.

Para fins comparativos, considerando a inflação em ambos os países, o dólar contou com uma valorização de aproximadamente 46% frente à moeda brasileira no mesmo período.

90%

das transações de câmbio no mundo são realizadas em dólar

60%

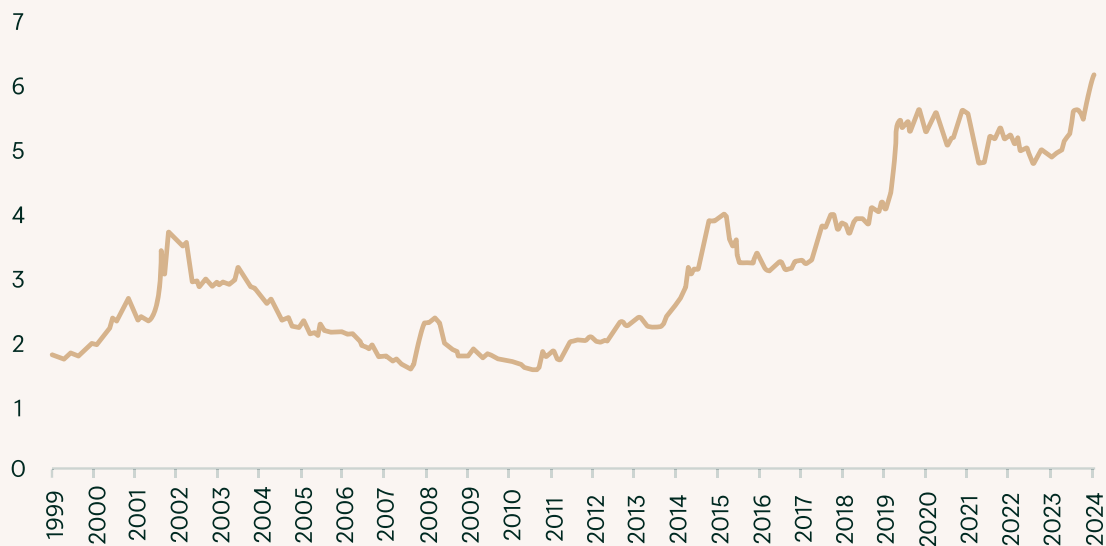
de todas as reservas internacionais globais estão em dólar

80%

das reservas internacionais do Brasil estão em dólar



Dólar vs. Real ao longo da História

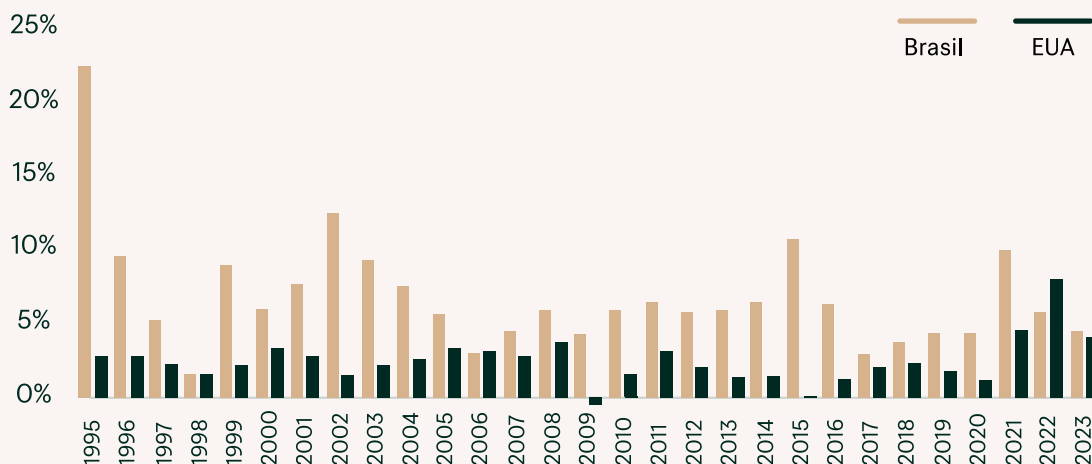


Fonte: Bloomberg | Elaboração: Avenue Securities

Um importante indicador da deterioração do real e, por conseguinte, da economia brasileira é a inflação doméstica, que tem como consequência direta o aumento generalizado dos preços de bens e serviços, com a diminuição do poder de compra da população.

Em três décadas de Plano Real, a inflação brasileira tem sido predominantemente maior do que a americana, com exceção aos anos de 2006 e 2022, conforme demonstra o gráfico abaixo. No acumulado do período, o índice chega a surpreendentes 720% no Brasil (IPCA), ficando em torno de 110% nos EUA (CPI, Consumer Price Index).

Inflação Brasil x EUA



Fontes: IBGE e CPI | Elaboração: Avenue Securities

A falácia do IPCA+: o problema não é só “cobrir” a inflação

Alguns investidores, pela falta de conhecimento, acreditam que para escapar dos efeitos nocivos da desvalorização do real basta investir em títulos com juros prefixados corrigidos pela inflação, como as Notas do Tesouro Nacional Série B (NTN-B), também conhecidas como Tesouro IPCA+.

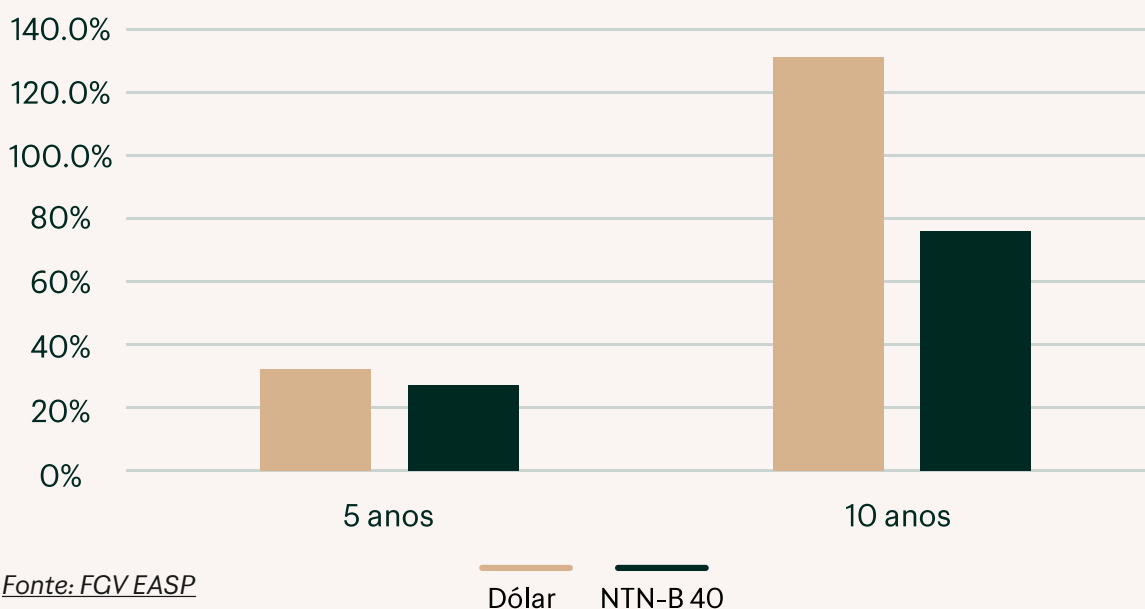
Apesar de este tipo de ativo parecer tentador, sua escolha reflete uma leitura um tanto ingênua e superficial do mercado financeiro, já que o problema não é apenas a perda inflacionária, mas também o que você deixa de ganhar ao investir em um ativo que se desvaloriza há mais de 30 anos consecutivos, como é o caso da moeda brasileira. Ou seja, investindo apenas no mercado local, você perde duas vezes.

Ao investirmos nos EUA, estamos automaticamente dolarizados, ou seja, compramos ativos (sejam fundos, ETFs ou bonds) em dólar. Nossa remuneração nos ativos no exterior é determinada pelo dólar mais alguma taxa, assim como temos no Brasil o IPCA+.

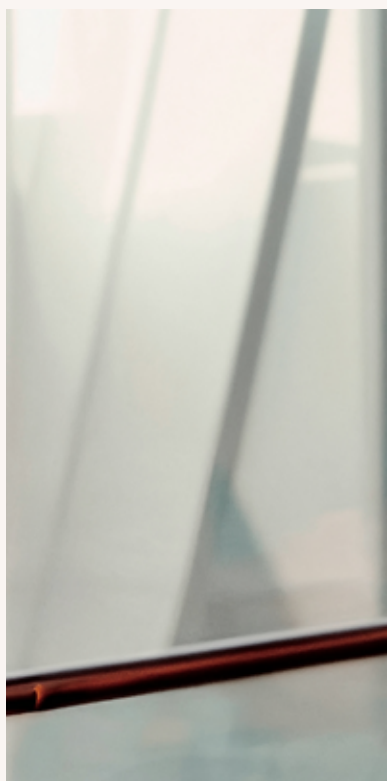
O dólar não é um indexador de inflação, mas grande parte do nosso consumo e vida está hoje dolarizada. Basta olhar para os produtos e serviços que consumimos... Roupas, eletrônicos, vinhos, combustível etc. Basta olhar em volta para perceber a influência do dólar nos preços dos produtos e serviços que consumimos.

Para derrubar essa falsa ideia de que a NTN-B é um bom negócio para a sua carteira, os autores da FGV compararam rendimentos do IPCA+ frente ao dólar, em períodos de cinco e dez anos:

Dólar x NTN-B



Como podemos ver, a conclusão parece óbvia, e é. Em ambos os intervalos, os rendimentos relacionados ao dólar são maiores do que os do Tesouro Direto, chegando a quase o dobro em uma década, ficando evidente que os investimentos atrelados à inflação brasileira não te protegem da valorização da moeda americana frente ao real, nem do aumento nos preços dos produtos da cesta básica de consumo.





Não obstante, como explica o Estrategista-Chefe da Avenue, William Castro Alves, os consumidores possuem cestas de consumos diversos, com pesos maiores para diferentes itens. Sendo assim, não necessariamente o IPCA represente perfeitamente a inflação percebida por você. Como exemplo disso, o Itaú Private Bank calcula um índice de inflação chamado IPC Private, no qual visa capturar o efeito inflacionário sobre consumidores de mais alta renda. Os resultados obtidos em 2024 são bastante interessantes e reforçam essa percepção. Segundo esse estudo, itens como viagens ao exterior, gastos com casas em outras localidades, educação internacional, entre outros, gerou um impacto bastante expressivo vis a vis ao IPCA. Em outras palavras, a inflação desse segmento de alta renda é sensivelmente maior que a calculada pelo IPCA.

Então até que ponto o IPCA representa sua cesta de consumo?

Agora vamos entender como o dólar pode se transformar no seu maior aliado nesse cenário.

IV.

**Diversificação internacional:
estratégia ou necessidade?**

Segundo a FGV, a melhor estratégia para minimizar os efeitos da valorização do dólar sobre o consumo do brasileiro é por meio da diversificação internacional de investimentos.

Os autores sugerem uma **alocação mínima de 16% a 18% em ativos no exterior** para que se alcance a neutralidade diante da volatilidade e desvalorização do real. Isso significa que ter uma parcela menor do que esse percentual ou não ter investimentos em dólar na sua carteira é o equivalente a “estar vendido em dólar”, ou seja, toda alta percebida pela moeda americana afetará você e o seu bolso negativamente, diminuindo o seu poder de compra.

“
É importante ressaltar que essa faixa de 16% a 18% apenas protege a cesta de consumo do brasileiro contra as variações cambiais. Dentro de uma estratégia mais ampla de investimentos, que inclua a adequada diversificação bem como objetivos específicos de cada investidor, essa faixa certamente será mais elevada.”

Fonte: FGV EASP

“O impacto cambial no consumo dos brasileiros e a necessidade de diversificação internacional”

Para o professor William Eid Junior, um dos responsáveis pela pesquisa, primeiramente é necessário planejar adequadamente os seus investimentos: “é preciso sair daquela ideia antiquada de uma carteira única de investimentos e organizar o seu portfólio por objetivos.

Em finanças comportamentais, chamamos esse conceito de contabilidade mental, ou seja, você deve enxergar cada pedaço do seu investimento como uma pequena gaveta que comporta um determinado objetivo, desde atividades de lazer até a educação dos filhos ou a compra de bens e imóveis. E dentro desse conjunto de estratégias **é preciso ter uma gaveta especial de segurança financeira que é a de investimento no exterior, com a diversificação internacional de ativos**”.

“

O investidor deve entender que há muito menos risco fora do que dentro do Brasil. Já vimos o que aconteceu nas décadas passadas: real se desvalorizou. ”

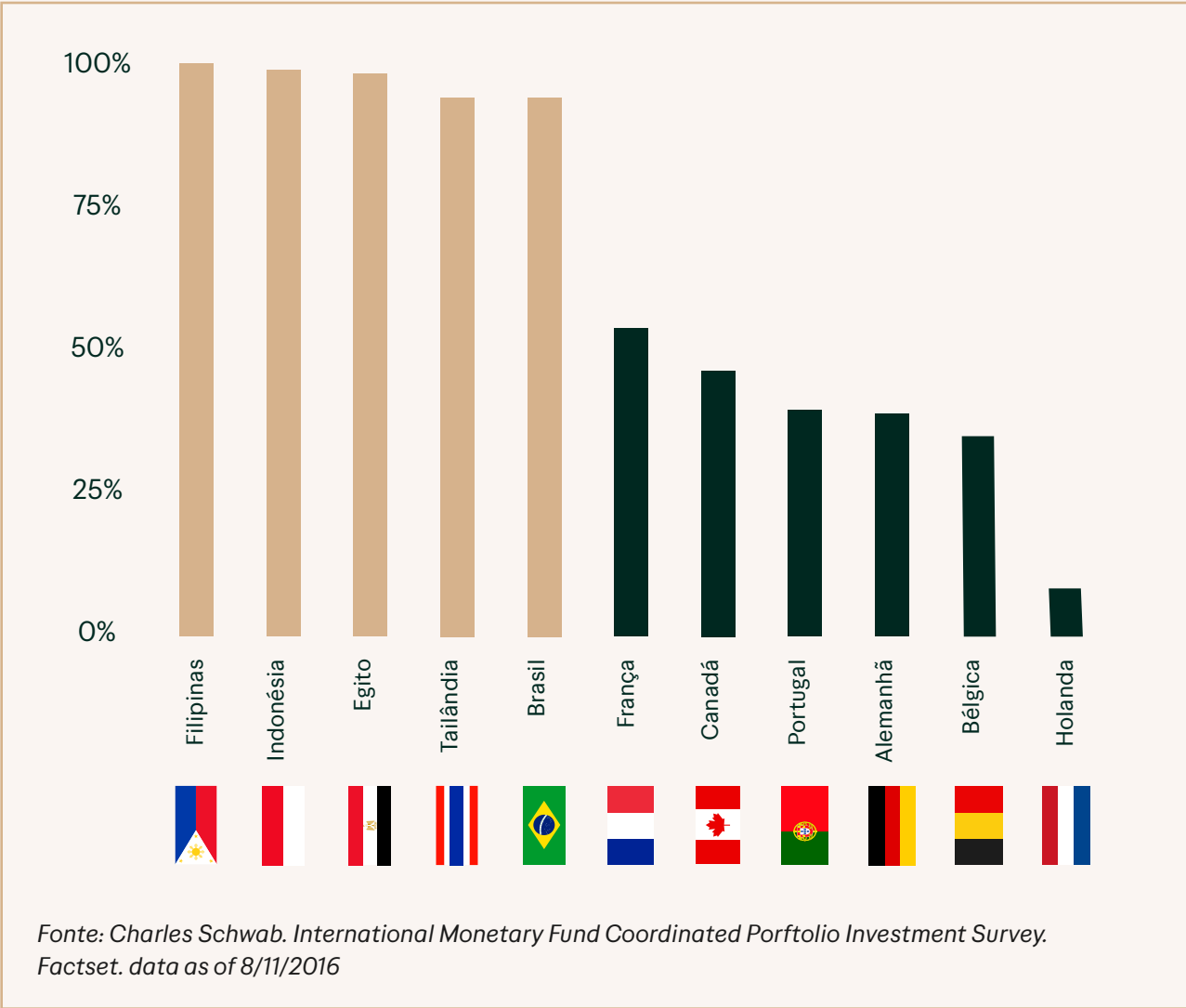
William Eld Junior, Professor da FGV



Consumidor global e investidor local?

Essa conta não fecha

Chamamos de viés doméstico o comportamento de investidores que mantêm as suas carteiras de investimento concentradas em ativos de seu país de origem. De acordo com ranking do Fundo Monetário Internacional, **o Brasil aparece como um dos países com maior viés doméstico**, ao lado da Tailândia, Indonésia, Egito e Filipinas.



Limitando-se ao mercado doméstico, o investidor brasileiro acaba tendo um poder de escolha muito reduzido, além de estar sujeito à volatilidade de seu câmbio e ao risco-país, resultando na desvalorização de seu patrimônio conforme a trajetória histórica do real apresentada anteriormente.

Ao expandir a sua estratégia de investimento para o mercado global, o investidor brasileiro se depara com inúmeros benefícios.



“

Afinal de contas, se o seu futuro, trabalho, renda e até aportes futuros estão sob o risco Brasil, será que a sua poupança também deveria estar alocada no país?

O investimento no exterior pode funcionar como uma proteção a eventos que você não controla e que, invariavelmente, afetarão o seu futuro. Portanto, para diminuir o risco da sua carteira, você precisa ter uma parcela do seu capital descorrelacionada de eventos que afetam apenas o Brasil. ”

William Castro Alves
Estrategista-chefe da Avenue

AV

V.

Investir no exterior pode
ajudar o Brasil, além de
você mesmo

Os autores da FGV são bem claros no estudo quando afirmam que esse percentual de 16% a 18% de alocação em ativos internacionais apenas protege a cesta de consumo do brasileiro contra o impacto do dólar, ou seja, **você simplesmente empata o jogo.**

“

Ao invés de apenas empatar o jogo deveríamos buscar ganhar a partida não é mesmo? Para isso, é fundamental ter uma alocação internacional superior a esses 18%, uma vez que expandir as fronteiras de nossos investimentos nos dá acesso a outros produtos, novas teses e ainda nos oferece uma forma de fazer poupança em moeda forte.”

Daniel Haddad

Diretor de Investimentos da Avenue

É claro que cada investidor tem um determinado perfil e objetivos próprios, mas dentro de uma estratégia mais ampla de investimento, esse percentual de diversificação em carteira certamente deverá ser maior.

No entanto, para alcançar um equilíbrio saudável e reduzir o viés doméstico nos investimentos dos brasileiros, protegendo o seu patrimônio contra as oscilações cambiais, **é preciso derrubar alguns mitos e preconceitos relacionados ao mercado internacional, como o de que enviar recursos para fora prejudicaria o crescimento econômico do Brasil.**

“Esta é uma visão míope e distorcida da realidade”, contesta William Castro Alves, estrategista-chefe da Avenue. “Primeiramente, porque a falta de diversificação internacional resultou no empobrecimento estrutural da população, lembrando que o real já perdeu mais de 80% do seu poder de compra desde que foi criado. Em segundo lugar, **manter a poupança de um país considerado de alto risco alocada em moeda forte estrangeira permite que empresas e pessoas continuem acessando produtos e serviços globais, contribuindo para o progresso local.**

E, por fim, em casos extremos de empobrecimento de uma nação, indivíduos com recursos no exterior podem ajudar na reconstrução do país. Investidores com poupança externa podem ser agentes de uma mudança no ambiente de negócio local, repatriando parte desses recursos em oportunidades domésticas”.

Segundo a ANBIMA, Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais, cerca de 2% dos recursos em ações e renda fixa dos brasileiros estão investidos fora do país. Já nos EUA, estimativas apontam que cerca de 25% das poupanças dos americanos estão alocadas em outros mercados.

Além disso, é comum ouvir de investidores que é melhor esperar o dólar “cair” e atingir um valor mais “amigável” e equilibrado. A questão é que esse suposto equilíbrio tão aguardado, inspirado em uma paridade nostálgica dos anos 1990s, não passa de uma aposta sem qualquer tipo de garantia. E durante essa espera, geralmente, a volatilidade aumenta e o seu poder de compra diminui ainda mais.

“

Apesar de todas as incertezas que sempre rondam o mercado de investimentos, o adiamento de decisões financeiras pode custar caro. A melhor forma de deixar o tempo agir sobre os seus investimentos é investindo hoje! ”

William Castro Alves
Estrategista-chefe da Avenue

O dinheiro vai para onde é mais seguro

Outro ponto de atenção é o fenômeno chamado Flight to Quality (ou Fuga para a Qualidade), termo do mercado financeiro usado para representar o comportamento de investidores que transferem o seu capital para mercados com menor risco, buscando maior estabilidade e evitando cenários de crise ou de incertezas regionais.

Nos últimos anos, o risco Brasil tem aumentado principalmente devido a questões econômicas. Por isso, é recomendável ter parte de suas reservas em dólar e em outras classes de ativos para proteção contra eventuais turbulências locais.

“

Crises externas e internas, declarações de autoridades, reformas que não aconteceram, crescimento decepcionante... são muitos os fatores que podem explicar o risco-país, apesar de o resultado ser quase sempre o mesmo: desvalorização da moeda local. ”

William Castro Alves
Estrategista-chefe da Avenue

Uma carteira global para uma vida global

O estudo da FGV é categórico ao afirmar em sua conclusão que “as vantagens da diversificação internacional dos investimentos são mais do que reconhecidas pelos investidores há décadas. Ao demonstrar a contribuição percentual da taxa de câmbio sobre a inflação geral, a análise evidencia que a exposição ao risco cambial é uma realidade para todos os brasileiros, mesmo que indiretamente. Isso reforça a necessidade de considerar investimentos em ativos que protejam contra a desvalorização cambial, como parte de uma estratégia de diversificação do portfólio”.



O professor William Eid Junior, um dos responsáveis pelo projeto, elenca os principais benefícios e oportunidades que o investidor global usufrui ao construir uma carteira internacional:

- Acesso a novas empresas de crescimento e de valor pouco representados ou que não estão disponíveis no mercado local, como o setor de tecnologia;
- Melhora da relação entre risco e retorno;
- Diversificação geográfica e política, aproveitando períodos de desenvolvimento regionais em mercados da Ásia, Europa e nas Américas;
- Diversificação e redução de riscos por conta da maior oferta;
- Proteção do poder de compra do cidadão frente a variaçãocambial, com o descolamento da inflação local.

“

A melhor atitude a ser adotada é traçar um plano financeiro de investimentos com disciplina de aportes e de compras recorrentes de dólar, independentemente do custo da moeda. Está nas suas mãos a decisão de ficar ou não exposto aos riscos do mercado doméstico e tomar as rédeas da sua vida financeira. ”

Daniel Haddad

Diretor de Investimentos da Avenue

AV

VI.

Evolução real,
em dólar



Somos a Avenue, empresa referência de investimento nos EUA para brasileiros

Nosso propósito é expandir o seu potencial como investidor, fazendo a sua vida render mais, em dólar. Com a nossa plataforma, você investe nos principais ativos do maior mercado do mundo e vê uma evolução real em seu patrimônio.

Renda Fixa

Títulos públicos e privados negociados em dólar.

Fundos

Administrados por gestoras renomadas do mercado.

Bolsa

Negociação de ativos nas maiores bolsas do mundo, NYSE e Nasdaq.

Nossos clientes também experimentam uma vida global completa com a nossa Conta Banking Internacional que, além de realizar operações como depósitos e transferências entre bancos americanos e terceiros via Wire e ACH, também oferece um cartão de débito para compras no exterior, aceito em mais de 180 países.

Conquiste o Green Card dos seus investimentos com a Avenue



AV

Evolua o seu patrimônio com a Avenue.

Baixe o app nas principais lojas.



AVISOS GERAIS E RISCOS DE INVESTIMENTO NO EXTERIOR

Avenue é a marca registrada dos sites e plataformas digitais operados pela Avenue Holdings Inc. e pelas suas afiliadas, Avenue Securities LLC, Avenue Cash LLC, Avenue Securities DTVM Ltda., Crossborder Technologies S.A., Avenue Securities Gestão de Recursos Ltda. e Avenue Services LLC

Avenue Securities LLC é uma corretora de valores mobiliários norte-americana que presta serviços exclusivamente nos Estados Unidos, registrada perante o regulador norte-americano FINRA (Financial Industry Regulatory Authority) e membro do SIPC (Securities Investor Protection Corporation). O SIPC protege contas de clientes de até US\$ 500.000 (incluindo US\$ 250.000 para reivindicações de dinheiro). Para saber mais sobre o SIPC, consulte brochura explicativa disponível mediante solicitação ou em www.sipc.org.

Avenue Securities DTVM Ltda. ("Avenue DTVM") é uma distribuidora de títulos e valores mobiliários brasileira devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil ("BCB") e pela Comissão de Valores Mobiliários ("CVM").

Avenue DTVM celebrou contrato com a Avenue Securities LLC tornando-se responsável pela oferta de serviços de intermediação no exterior da Avenue Securities LLC a investidores residentes, domiciliados ou constituídos na República Federativa do Brasil, conforme Parecer de Orientação da CVM nº 33 de 09.09.2005 e da decisão do Colegiado da CVM proferida em 23.02.2021, no âmbito dos Processos SEI 19957.010715/2018-37 e 19957.000495/2019-14.

A Avenue DTVM recebe uma remuneração fixa mensal decorrente da realização da oferta dos serviços de intermediação no exterior prestados pela Avenue Securities LLC.

Para realização da oferta dos serviços de intermediação da Avenue Securities LLC prestados nos Estados Unidos, a Avenue DTVM verifica a regularidade das licenças e autorizações da Avenue Securities LLC. As licenças, registros e histórico da Avenue Securities LLC podem ser consultados, a qualquer tempo, pelo <https://brokercheck.finra.org/firm/summary/292589>.

Os serviços de intermediação no exterior são prestados exclusivamente por meio da Avenue Securities LLC, sem a interferência da Avenue DTVM na prestação desses serviços.

Os serviços da Avenue Securities LLC são prestados exclusivamente nos Estados Unidos, respeitadas as leis e normas locais. Os serviços prestados pela Avenue Securities LLC não são objeto de registro na CVM, nem estão sujeitos à supervisão da CVM ou de outro órgão regulador brasileiro. A supervisão da CVM é restrita apenas ao território nacional brasileiro e à Avenue DTVM.

Dessa forma, a Avenue Securities LLC não está autorizada pela CVM a oferecer diretamente os serviços de intermediação de valores mobiliários a investidores residentes, domiciliados ou constituídos na República Federativa do Brasil. Nada aqui deve ser entendido como uma oferta direta, pela Avenue Securities LLC, de serviços endereçados a esses investidores.

O envio de recursos dos clientes de/para sua conta bancária no Brasil ocorre por meio do serviço de conta de pagamento no Brasil prestado pela Avenue DTVM.

Assim, por meio da plataforma Avenue, o cliente, após a conclusão do processo de cadastro, poderá solicitar a transferência internacional de recursos, via operação de câmbio realizada pela Avenue DTVM, distribuidora regulada e aprovada pelo Banco Central do Brasil para realizar câmbio. Os saldos de caixa dos clientes em reais mantidos na Avenue DTVM não são garantidos por nenhum órgão brasileiro, nem são cobertos pelo SIPC (órgão regulador norte americano). Operações de câmbio acima US\$ 500.000 por meio da plataforma serão realizadas pelo Ebury Banco de Câmbio S.A., que não é sociedade afiliada da Avenue.

As transferências de recursos do cliente em dólares norte-americanos e euros são processadas pela Avenue Cash LLC (“Avenue Cash”), uma empresa de serviços monetários dos EUA registrada no FinCEN (Financial Crimes Enforcement Network). A Avenue Cash oferece aos seus clientes a possibilidade de abertura de conta de depósito nos Estados Unidos, com cartão de débito, por meio de sua parceria com o Evolve Bank & Trust, membro do FDIC (Órgão Regulador Federal Americano), que assegura depósitos de até US\$ 250.000 por titular. Todos os recursos em Euros são mantidos diretamente pela Avenue Cash em conta de sua titularidade junto ao J.P. Morgan Private Bank Frankfurt, localizado na Alemanha, não estando tais recursos segurados pelo FDIC.

Todos os clientes da Avenue, independente do perfil de investidor podem se beneficiar ao manter parte relevante do seu portfólio investido no exterior, tendo em vista que, em geral, a adição de ativos descorrelacionados a uma carteira, melhora a relação risco/retorno da mesma e que grande parte dos custos da vida do brasileiro está atrelado ao dólar norte-americano. Entendemos adequado que, em geral, um brasileiro tenha cerca de 40% da sua carteira de investimento alocada no exterior, desde que essa alocação esteja alinhada ao seu perfil de risco, conforme metodologia adotada e monitorada pela Avenue. Não obstante, é primordial que o brasileiro mantenha em Reais um montante destinado a cobrir gastos inesperados e que atenda à sua necessidade de liquidez local (em geral, de 3 a 6 rendas mensais).

Os ativos negociados, por meio da intermediação da Avenue Securities LLC, no exterior são denominados em dólar norte- americano. Quando um investimento é denominado em uma moeda que não seja a moeda do investidor, as mudanças nas taxas de câmbio podem ter um efeito adverso no valor, preço ou receita derivada do investimento.

Avenue Securities LLC, Avenue DTVM e suas afiliadas não fornecem aconselhamento jurídico ou tributário.

Os custos e prazos para a transferência internacional de recursos, bem como os custos para manutenção da conta e para negociação de valores mobiliários podem ser verificados em <https://avenue.us/custos/>, observado que tais custos são atualizados de tempos em tempos e sempre disponíveis para consulta dos clientes.

Informamos que as pessoas físicas ou jurídicas residentes, domiciliadas ou com sede no Brasil, que detenham, no exterior, recursos acima de determinado montante devem realizar declaração do CBE (capitais brasileiros no exterior) ao Banco Central do Brasil. Maiores informações podem ser verificadas neste link <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/cbe>.

A título informativo, esclarecimentos sobre impostos podem ser encontrados em <https://avenue.us/duvidas/tributos/>

Investir nos ativos negociados, por meio da Avenue Securities LLC, no exterior envolve riscos, incluindo possível perda de principal. Tais ativos não possuem seguro do FDIC (Federal Deposit Insurance Corporation), não possuem garantia bancária e estão sujeitos a perda de valor. Os investidores devem considerar cuidadosamente seus objetivos e riscos de investimento antes de investir. O preço de um determinado título pode aumentar ou diminuir com base nas condições do mercado e os clientes podem perder dinheiro, incluindo seu investimento original.

Os tempos de resposta do sistema e de acesso à conta, assim como toda comunicação através de rede mundial de computadores, estão sujeitos a demoras, interrupções ou atrasos, podendo impedir ou prejudicar o envio de ordens ou a recepção de informações atualizadas, o que também pode representar um risco ao investidor.

Os investidores residentes, domiciliados ou incorporados na República Federativa do Brasil que se tornaram clientes da Avenue Securities LLC por meio da Avenue DTVM podem entrar em contato com a Avenue, em customer@avenue.us, com a Avenue DTVM em +55 11 4380-7897 (São Paulo), 4005-1108 (Capitais e regiões metropolitanas – BR), +1 786-220-7233 (Ligação internacional), ou ouvidoria 0800-780-4822 para reclamações ou dúvidas sobre a oferta dos serviços prestados pela Avenue.

As informações aqui fornecidas são de natureza geral e não pretendem substituir um aconselhamento individualizado e específico sobre impostos, leis ou planejamento de investimentos. Os investidores devem se informar e, quando apropriado, consultar um profissional sobre possíveis consequências fiscais associadas à oferta, compra, posse ou alienação de valores mobiliários e outros ativos de acordo com as leis de seu país de cidadania, residência, domicílio ou incorporação. Alterações legislativas, administrativas ou judiciais podem modificar as consequências tributárias e, como é o caso de qualquer investimento, não há garantia de que a posição fiscal ou a posição tributária no momento em que um investimento é realizado durará indefinidamente.

Nada neste site deve ser considerado uma oferta, recomendação, solicitação de oferta ou aconselhamento para comprar ou vender qualquer título e/ou valor mobiliário.

Confira o histórico da Avenue Securities LLC's <https://brokercheck.finra.org/firm/summary/292589>

Veja todos os avisos importantes de investimento em <https://avenue.us/termos/>

Avenue

Evolução real, em dólar.

uma empresa 